



# NOSSO ESPECIAL AMIGO

## BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO CRISTÓVÃO COLON “EDIÇÃO PÚBLICA”

www.colon-portugues.blogspot.com

e-mail: [assoc.cristovaocolon@gmail.com](mailto:assoc.cristovaocolon@gmail.com)

Sede: Largo Cristóvão Colon, 7940-170 CUBA

**2024 – MARÇO (Nº 21)**

### **NOTA DE ABERTURA**

Neste regresso da “Edição Pública” do Nosso Especial Amigo - Boletim da Associação Cristóvão Colon retomamos a linha seguida no último boletim e divulgamos a primeira parte de um exaustivo estudo cronológico de um dos nossos Membros que coloca em confronto os documentos referentes ao tecelão genovês Cristoforo Colombo com os documentos referentes ao Almirante Don Christóval Colon.

Com base nessa confrontação de documentos expõe, com base no livro «Colombo genovês – o tio errado» de Carlos A.C. Calado, a contestação às supostas provas da origem genovesa do Almirante Colon, elencadas no livro «Cristóvão Colombo, o Genovês, meu tio por afinidade» da autoria de Luís Filipe Ferreira Reis Thomaz.

**Carlos Calado**

### **EFEMÉRIDE**

Assinalamos por estes dias um período muito relevante da vida do Almirante Colon. Em Março de 1493, quando deveria regressar triunfalmente para Castela, onde o esperaria um conjunto de honrarias, o reconhecimento dos cargos de Vice-Rei, Governador e Almirante, o acrescentamento do brasão de armas e o início da preparação para a segunda viagem às ‘Índias’, Colon desviou o seu rumo e veio relatar ao Rei D. João II, em primeira mão, tudo aquilo que encontrara. Como alibi e justificação para este intrigante desvio Colon escreveu no seu Diário de Viagem que fora arrastado por uma tempestade.

Fundeou em Cascais no dia 4 de Março onde aguardou a maré favorável e seguiu depois para o Restelo, em Lisboa.

Em Portugal se demorou uma dezena de dias e só depois seguiu para Castela, regressando a Palos de la Frontera no dia 15, de onde tinha partido em 3 de Agosto de 1492.

Até hoje, apesar de estar documentalmente demonstrado que o rumo seguido pelo Almirante desde os Açores o trazia directamente para Lisboa, os apoiantes da teoria genovista continuam a aceitar que o desvio foi devido a uma tempestade.

Carlos Calado

OPINIÃO  
(Parte 1)

# CONTESTAÇÃO

às supostas “119 Provas” apresentadas por Luís Filipe Thomaz no seu livro «Cristóvão Colombo, o genovês, meu tio por afinidade» (2021)

com base numa CRONOLOGIA apoiada no livro “Colombo genovês - o tio errado” de Carlos A. C. Calado (2022)

com os dados biográficos disponíveis do tecelão genovês Cristoforo Colombo, e a descrição das circunstâncias evocadas para sugerir suas hipotéticas ligações àquele que foi o Almirante D. Cristóbal Colón, e supostas ligações deste a Génova

## O ALMIRANTE D. CRISTÓBAL COLÓN NÃO ERA NATURAL DE GÉNOVA!

José E. Q. Pereira da Costa - 2023

CRISTÓBAL COLÓN

*versus*

CRISTOFORO COLOMBO

## 1451

Em Génova, nascimento do **Cristoforo Colombo**, filho do tecelão Domenico Colombo e de Susana Fontanarossa, aqui residentes, face à idade de 19 anos do Cristoforo registada em documento de 31/10/1470. O Domenico Colombo, natural da localidade próxima de Quinto al Mare, era filho de Giovanni Colombo, por sua vez natural de Moco-nesi, uns 30 km a Leste de Génova.

## 1460

Em Génova, possível nascimento do Bartolomeo Colombo, irmão do **Cristoforo**, face à referência num acto notarial de 16/6/1480, em Savona, em que recebe uma procuração do pai Domenico, pelo que já seria maior de 19 anos. Seria este Bartolomeo aquele que, mais tarde, foi pretendido identificar com D. Bartolomé Colón, irmão do futuro Almirante D. Cristóbal Colón.

## 1461

O **Cristoforo Colombo** estaria, por esta altura, a iniciar a sua aprendizagem para tecelão, com uns 11 anos de idade, junto do pai ou de um outro mestre (por comparação com registos do mesmo tipo).

O futuro Almirante D. Cristóbal Colón, sendo muito jovem, começou a andar no mar com o pai, conforme deduzido de uma sua afirmação em carta de 13/9/1501 aos Reis Católicos, em que escrevia já o fazer há 40 anos, o que significa desde 1461.

Também, muito jovem, aprendeu a ler e teve lições com cosmógrafos, após o que se dedicaria à astronomia, à álgebra e à geometria. Ao longo da sua vida, viria a manifestar a aprendizagem que tivera, em jovem, em matérias como geografia, cartografia ou navegação. Estas informações viriam a constar da “*Historie ...*”, documento sobre a vida e as viagens do pai, manuscrito pelo seu filho Hernando Colón (1488-1539), o qual terá sido concluído pelo ano de 1537, mas que só seria publicado em 1571, 65 anos após o falecimento do Almirante, numa tradução de castelhano para italiano. A este texto pertencem todas os relatos ou descrições que se seguirão atribuídos a Hernando.

## 1467

Em Génova, nascimento do Giacomo Colombo, irmão do **Cristoforo**, face à idade registada em documento de 10/9/1484. Seria este Giacomo aquele que, mais tarde, foi pretendido identificar com D. Diego Colón, irmão do Almirante D. Cristóbal Colón.

Por esta altura, o **Cristoforo**, nos seus 15/16 anos de idade, terá passado a oficial tecelão (por comparação com registos do mesmo tipo).

## 1470

Neste ano, o futuro D. Cristóbal Colón estava em Portugal. De facto, em Maio de 1505, escreveria uma carta ao rei D. Fernando o Católico afirmando que, até sair para Caste-la, o que aconteceria em 1484, servira o príncipe D. João, depois rei D. João II, durante 14 anos, período em que, sem sucesso, o tentara convencer a patrocinar o projecto de chegar à Índia navegando para Ocidente. 14 anos antes de 1484, significa desde 1470.

Estas informações constam do também manuscrito “*Historia de las Indias*”, da autoria do frade dominicano Bartolomé de las Casas (1484-1566), documento por si iniciado em 1527 e concluído em 1561, mas que só seria publicado em 1875. A este texto pertencem todas os relatos ou descrições que se seguirão como sendo atribuídos a las Casas.

**22 de Setembro** - Em Génova, em acto notarial, o **Cristoforo Colombo** é mencionado juntamente com o pai Domenico, a propósito de um diferendo comercial, na sequência do qual seriam ambos sentenciados a um pagamento, passados seis dias.

**31 de Outubro** - Em Génova, o **Cristoforo**, indicado como tendo 19 anos de idade, na presença do pai Domenico, confessa uma dívida, por um fornecimento de vinho.

**Final do ano** - Provavelmente nesta altura, a família Colombo muda-se de Génova para Savona, cerca de 50 km para Oeste.

### 1472

**20 de Março** - Em Savona, o **Cristoforo Colombo**, aos 21 anos de idade, surge como testemunha num testamento.

**26 de Agosto** - Trabalhando em conjunto, o Domenico Colombo e o seu filho **Cristoforo**, tecelões residentes em Savona, reconhecem uma dívida relativa a compra de lã.

Neste ano, aquele que viria a adoptar o nome de Cristóbal Colón navegou ao serviço de René d'Anjou, rei de Aragão, conforme seu relato no Diário da sua 1ª viagem ao Novo Mundo (1492-1493). De facto, também referiria, em carta de Janeiro de 1495, aos reis de Castela e Aragão, ter estado ao serviço de René d'Anjou, rei de Aragão, como corsário e capitão de navio, o que, provavelmente, ocorreu no decurso da guerra civil de Aragão (1468-1472).

### 1473

**19 de Julho** - Em Savona, o Domenico Colombo coloca o filho como credor solidário na venda de panos (só se pode tratar do **Cristoforo** de 22 anos de idade, uma vez que o Bartolomeo estaria com 13 anos e o Giacomo com 6 anos).

### 1474

Em Portugal, o príncipe D. João assume a direcção política da expansão marítima e, na decorrência do envolvimento de Portugal na busca de terras longínquas no Atlântico, a corte do rei D. Afonso V trocou correspondência com o físico florentino Paolo dal Pozzo Toscanelli (1397-1482) que erradamente defendia ser mais curto alcançar a Ásia navegando para Ocidente.

**25 de Junho** - De Florença, Toscanelli envia uma carta, para Lisboa, ao cónego Fernão Martins, de serviço a D. Afonso V, à qual junta um desenho demonstrativo dessa sua errada convicção.

### 1475

O príncipe D. João facultou o acesso a essa correspondência àquele que se viria a assumir como Cristóbal Colón, o qual, então já como navegador experiente da confiança do príncipe, também se correspondeu com Toscanelli, a partir de Lisboa, em latim, língua erudita de carácter internacional, conforme se deduz da carta que Toscanelli lhe escreveu e que viria a ser referida pelo filho Hernando Colón.

Nesta carta de resposta, Toscanelli registava o grande desejo de Colón em querer ir para Ocidente, por isso lhe enviando cópia de outra carta que tinha escrito "*há dias*" a um seu amigo, "*criado do Sereníssimo Rei de Portugal*" (o referido cónego), em resposta a outra carta que lhe chegara da parte de "*Sua Alteza*". Junta então um mapa de navegação, semelhante ao que antes enviara, através do qual pretendia dar resposta às perguntas de Colón.

## 1476

**13 de Agosto** - Batalha naval do cabo de São Vicente em que uma armada francesa, comandada pelo corsário Guillaume de Caseneuve, conhecido por “Coulon-le-Vieux”, que tinha ido em socorro de Ceuta, sitiada pelos mouros, atacou cinco vasos de comércio genoveses.

**PROVA {5}: Hernando Colón, na “Historie ...”, depois de dar a crer que não sabia ao certo de onde o pai era natural – aventando a possibilidade de Placência, o que lhe permitia insinuar parentesco com os Colombos nobres dessa cidade –, afirma que, após o pai se ter salvado a nado desta batalha naval do cabo de São Vicente, se dirigiu a Lisboa onde sabia se encontravam muitos da sua nação genovesa, sendo deles conhecido.**

*CONTESTAÇÃO: Já tinham passado 60 anos sobre a sua data, quando Hernando menciona detalhes da batalha de 1476 (o fogo que se instalou), embora o que descreva com toda a minúcia seja uma outra batalha naval – a de 21/8/1485, também travada em águas algarvias. A sua descrição cronológica e dos intervenientes é, de facto, a da batalha de 1485, pelo que a assumpção do ano de 1476, para a batalha de 1485, é uma deturpação no relato de Hernando.*

*Estando a decorrer os “Pleitos Colombinos” (1508-1536) – as disputas judiciais entre os herdeiros do falecido Almirante D. Cristóbal Colón e a coroa castelhana, em defesa dos privilégios adquiridos –, era muito conveniente, como se verá, a narrativa da sua origem genovesa. E a circunstância dum sua hipotética presença num dos cinco navios genoveses, como passageiro ou agente comercial, proporcionaria, uma eventual atribulada chegada a Portugal do Cristoforo Colombo, aos 26 anos de idade, embora não exista qualquer documento que o suporte. O Cristoforo teria chegado a Lisboa, teria achado emprego e, sendo tão bem acolhido, teria casado, daí a três anos, com D. Filipa Moniz, uma nobre portuguesa ...!*

**Final do ano** - Decorria uma expedição luso-dinamarquesa, de exploração geográfica, por iniciativa de D. Afonso V e promovida pelo rei dinamarquês, à Islândia e à Gronelândia, e eventualmente ao actual Canadá, registada em relatos e crónicas, e em três documentos nórdicos autênticos.

## 1477

**PROVA {31}: De acordo com Hernando Colón, repetido por Bartolomé de las Casas, o pai tinha deixado, numa sua anotação ou memória, que tinha navegado, em Fevereiro deste ano, para além da ilha de Tile (Islândia), umas cem léguas (ou seja, até à Gronelândia). Não existindo nestas paragens mais do que esquimós, esta referência estaria presumivelmente associada a uma expedição comercial que fora armada em Génova, em Dezembro, mas só com destino às ilhas britânicas, e na qual poderia ter participado o Cristoforo Colombo. Também o facto de o futuro Almirante ter registado o seu natural espanto com as enormes marés que aí se registavam no Atlântico, decorreria da sua naturalidade genovesa, pois no Mediterrâneo a amplitude da maré é muito menor.**

*CONTESTAÇÃO: Iguamente passados 60 anos, e não correspondendo esta menção a nenhuma anotação autógrafa, nada pode indicar que se trataria daquela expedição comercial genovesa às ilhas britânicas, sendo mais realista admitir que se trataria da expedição de exploração geográfica luso-dinamarquesa que nesta altura decorria.*

## 1479

Provavelmente neste ano, aquele que se viria a assumir como Cristóbal Colón casou, em Lisboa, com D. Filipa Moniz, filha de Bartolomeu Perestrelo, de acordo com o que seria referido no testamento do filho de ambos Diogo Colón (1480?-1526), e também pelo outro filho ilegítimo mais novo, Hernando Colón, no caso sempre na sua “Historie ...”. O pai da noiva era um nobre português, cavaleiro da Ordem de Santiago da casa do infante D. Henrique, e primeiro capitão-donatário da ilha do Porto Santo. Era também avô daquele que viria a ser mordomo-mor do rei D. João II, e tio daquela que viria a ser amante deste rei. A

noiva, tendo ligações de parentesco a muita da ilustre fidalguia do reino, vivera no mosteiro de Santos-o-Velho, sendo comendadeira daquela mesma Ordem, pelo que se tratou de um casamento que teria de ser autorizado pelo seu mestre, o príncipe D. João. Assim sendo, o noivo não poderia deixar de ser alguém pertencente à aristocracia.

Poucos meses após o casamento, tendo ido viver para o arquipélago da Madeira, nasceu ao casal, na Madeira ou no Porto Santo, neste ano ou no próximo, o filho que recebeu o nome de Diogo. Nesta época, existia em Portugal uma vasta colónia de comerciantes e financeiros florentinos e genoveses tendo, possivelmente, o futuro Cristóbal Colón como actividade, o transporte de escravos de África para as plantações madeirenses de açúcar e o comércio nos portos mediterrânicos.

**23 de Agosto** - Em Valência, um genovês de nome Bartolomeo Colombo é recebido como aprendiz de um mestre tecelão de seda florentino. Seria provável tratar-se do irmão do **Cristoforo** e estaria com 19 anos de idade.

**PROVA {32}**: Numa suposta acta notarial de Génova, com as datas de 23 e de 25 de Agosto, é inquirido um genovês de nome Cristoforo Colombo que, estando na altura de partida para Lisboa, surge como agente comercial e testemunha dum Paolo di Negro, em disputa judicial relativa a um negócio de compra de açúcar na Madeira, no ano anterior de 1478, para cujo transporte fora fretado um navio português, negócio esse que não se concretizara integralmente por di Negro não lhe ter dado dinheiro suficiente. Em consequência, o Colombo teria ficado involuntariamente na Madeira até, pelo menos, Janeiro de 1479, a aguardar o envio de dinheiro para o pagamento.

*CONTESTAÇÃO: Esta “acta”, que ficaria conhecido por “documento Assereto”, surgido em 1904 nos arquivos de Génova, sendo constituída por um grupo de folhas tipo rascunho, soltas e desconexas, com várias caligrafias distintas, palavras riscadas e intercalações, sem uma única assinatura, e sem outras testemunhas inquiridas, não tem valor documental. Para além de que as perguntas às quais este Colombo responde não são próprias dum contexto de acta notarial, sendo disso exemplo aquela em que declara a sua idade, no caso a idade de 28 anos coincidente com a do Cristoforo Colombo tecelão. Para sua credibilização, não mais do que o facto de dois dos nomes referidos – Paolo di Negro, o incumpridor, e Luis Centurion, o queixoso – virem a constar do que ficaria conhecido como “Memorial das Dívidas” e que, em 1506, seria associado ao testamento do futuro Almirante.*

### 1480

**16 de Junho** - Em Savona, o Bartolomeo, aos 20 anos de idade, irmão do **Cristoforo**, surge em acto notarial com o pai Domenico Colombo a passar-lhe uma procuração.

### 1481

**17 de Agosto** - Em Savona, o Domenico Colombo, cidadão de Génova, arrenda uma das suas casas, o que indicia a sua intenção de deixar Savona. A escritura surge descrita numa publicação de 1602, em Génova, da autoria dum Julius Salinerius, com a relação de actos notariais em Savona.

Antes do ano de 1482, sendo residente na Madeira/Porto Santo, o futuro Cristóbal Colón participou em viagens marítimas portuguesas, no secretismo de então. Hernando Colón escreveu ter o pai ouvido relatos da chegada de canas de terras distantes arrastadas pelas correntes.

**28 de Agosto** - Com a morte do rei D. Afonso V, o príncipe D. João sucedeu ao pai como rei D. João II.

### 1482

Neste ano, em Lisboa, o futuro Almirante D. Cristóbal Colón terá assumido uma dívida perante um genovês Micer Nicolao Espínola, aqui residente, de acordo com o que viria a ser referido no “Memorial das Dívidas”, associado ao seu testamento em 1506.

Navegava ele, neste período, para São Jorge da Mina e para a Guiné, nos navios portugueses.

### 1483

**Janeiro** - Já regressado a Génova, após cerca de 11 anos residente em Savona, o Domenico Colombo arrenda uma parte da sua própria casa, possivelmente ainda no final do ano anterior.

**PROVA {41}: Em Junho deste ano, D. João II teria recusado patrocinar o projecto do Cristoforo Colombo de chegar à Índia navegando para Ocidente, tendo este assim de desistir de uma série de vantagens e benefícios nobilitários que para si exigiria resultantes do êxito desse projecto, conforme registaria Bartolomé de las Casas.**

*CONTESTAÇÃO: O futuro Almirante vinha, desde há alguns anos, a discutir o tema com o príncipe D. João, agora rei, embora aparentemente sem o ter conseguido convencer, não obstante até as informações recebidas de Toscanelli, já em 1475. No entanto, seria estranho que alguém com os antecedentes do genovês Cristoforo Colombo fizesse exigências de direitos, privilégios e prerrogativas. Para além de que as exigências mencionadas como contrapartida não passam de transcrição de alguns itens constantes do contrato das "Capitulações de Santa Fé", esse sim que viria a ser assinado com os reis de Castela e Aragão, daí a nove anos, em 17/4/1492.*

Em Lisboa, por este ano, o rei D. João II terá mostrado ao futuro Almirante Colón grandes juncos encontrados no Atlântico e trazidos pelas correntes vindas de Poente, segundo referido por Hernando Colón.

### 1484

Até este ano, o futuro Almirante terá participado em viagens pelas rotas da Guiné até São Jorge da Mina, pela rota das ilhas de Cabo Verde e pela rota dos Açores, conforme registaria no Diário da sua 1ª viagem ao Novo Mundo (1492-1493).

**10 de Setembro** - Em Savona, o Giacomo, com 16 anos de idade, filho do Domenico Colombo, cidadão de Génova, e irmão do **Cristoforo**, entra como aprendiz e discípulo de um mestre tecelão que, como era seu dever, lhe terá dado alojamento, alimentação e vestuário, fazendo-o durante 22 meses, até meados de 1486.

De acordo com futura afirmação de Hernando Colón, então ainda não nascido, o seu pai terá levado, no final deste ano, o filho mais velho Diogo, que estaria com 4 anos de idade, para Huelva onde vivia a sua cunhada Briolanja Moniz, para o deixar ao seu cuidado, provavelmente por a esposa Filipa Moniz ter falecido em Portugal,

Antes de deixar o filho, fez a sua primeira visita ao mosteiro franciscano de La Rabida, perto de Huelva, onde expôs a ideia de chegar à Índia pelo Ocidente aos eruditos frades franciscanos os quais, no ano seguinte, a levariam aos reis de Castela e Aragão.

Nesta altura estava a dar-se a fuga para Castela dos nobres que tinham atentado contra a vida do rei D. João II, com o patrocínio castelhano.

### 1485

**Abril** - O futuro Cristóbal Colón referiu ter voltado a Portugal no ano seguinte ao desta sua ida a Castela. Veio encontrar-se com D. João II e com o mestre astrólogo José Vizinho, judeu português, cientista e físico da corte, que o rei enviara à Guiné para determinar a altura do Sol. Esse encontro, em que Colón terá recebido importantes relatos, ocorreu, possivelmente, neste mês de Abril, já que, para aquela determinação, o Equinócio solar se dava a 11 de Março, no calendário Justiniano em vigor.



**21 de Agosto** - Uma frota francesa de sete navios, comandada pelo corsário Georges de Bissipat, conhecido por “Coulon-le-Jeune”, atacou em mares algarvios uma urca flamenga e quatro galés venezianas.

50 anos mais tarde, Hernando Colón registaria que o pai acompanhava a frota corsária neste ataque aos navios venezianos, acrescentando que ele tinha navegado longamente com este corsário francês, mesmo ao serviço de Portugal. Aliás, o próprio descreveu, numa sua carta, que a sua vida, assim como a dos seus antepassados, fora sempre o mar.

Porém, embora Hernando descreva esta batalha com muito detalhe, viria a ser assumido que a data à qual se pretenderia referir era a da batalha naval travada nove anos antes, em 13/8/1476, e na qual tinham sido navios genoveses a sofrer um ataque corsário, assim nela se justificando a presença do genovês **Cristoforo Colombo**. Supostamente, o pai dela se teria salvado nadando até à costa portuguesa, pelo que se trataria de um involuntário engano de datas, por parte de Hernando ...

Passados mais quase 30 anos, Bartolomé de las Casas terminaria a sua “*Historia de las Indias*”, nela repetindo o episódio que fora relatado por Hernando, pelo que terá tido acesso ao manuscrito original, em castelhano, da “*Historie ...*”.

## CRISTÓBAL COLÓN EM CASTELA

Ainda este ano, aquele que em Castela passaria a ser conhecido como Cristóbal Colón, escondendo a sua verdadeira identidade, para lá terá partido definitivamente. Durante dois anos, seria hóspede do poderoso duque de Medinaceli que lhe ofereceu alojamento no seu palácio do Puerto de Santa Maria, naturalmente conhecendo a sua identidade, numa demonstração de merecimento de favores própria da aristocracia.

Antes desta partida para Castela, não existem documentos relativos à pessoa com a identidade de Cristóbal Colón. Só em Castela se encontram, e aqueles por si escritos são em castelhano mesclado com palavras portuguesas, ressaltando o português como sua língua natural, na correspondência trocada com o rei D. João II. Mas também escrevia em latim, nas anotações aos seus livros raros, estes só acessíveis aos elevados estratos sociais.

Colón deixou Portugal sem que se lhe conhecesse, qualquer documento original por si assinado. E, mesmo em Castela, nunca assinaria Colón. Viria a assinar ou “**el almirante**” ou assinaria com a rubrica “**XpõFerens**”, interpretada do grego, como “**Cristo + quem o leva**” ou “**quem leva Cristo**”. De facto, as três primeiras letras gregas (X=Qui, P=Rô, Ω=Ómega) são o nome abreviado de Cristo, e a palavra “**Ferens**” é um verbo latino que significa “**aquele que transporta**”.

Embora o seu nome, constante de todos os documentos descritivos oficiais castelhanos, viesse a ser “**Xpõval Colon**”, interpretado como “**Cristo + val + Colon**”, não se conhece nenhum documento que ele assim viesse a assinar. E não existe qualquer documento por si assinado “**Cristoforo Colombo**”, nem nada por si escrito em italiano.

### 1486

**Mai**o - Colón é recebido pela primeira vez pelos reis de Castela e Aragão, depois de, em Janeiro, ter sido recebido pelo contador da rainha D. Isabel. Propõe-lhes pessoalmente o seu projecto de atingir a Índia navegando para Ocidente, e fica, a partir de então, ao serviço de Castela, recebendo uma renda monetária, que lhe foi proporcionada em consideração aos seus direitos de berço e em consideração ao brasão de armas que já exhibia.

Não obstante, consultada a Junta de Sábios castelhana, esta recusou o projecto, mas foi nomeada uma comissão de avaliação para estudar a proposta.



Com larga experiência náutica e educação cuidada, Colón, que seria sempre recebido por grandes senhores, dirigir-se-ia ao duque de Medina Sidonia e fixar-se-ia em Sevilha. Movimentando-se entre a alta nobreza peninsular, teria de pertencer à aristocracia. E, mesmo após o projecto ter sido recusado por uma segunda vez, o seu nome constaria, até 1489, em vários registos de pagamentos.

**PROVA {25}: Na “Historia de las Indias”, Bartolomé de las Casas referiria que a apresentação de Colón perante os reis castelhanos se devera a um misterioso desígnio, uma vez que, após a sua “aterragem fortuita” em Portugal, o rei de Portugal rejeitara o seu projecto, durante 14 anos, não obstante as suas insistências.**

*CONTESTAÇÃO: Esta “aterragem” em Portugal refere-se à hipotética chegada do Cristoforo Colombo, a nado, na sequência da batalha naval de 13/8/1476. Porém, conforme carta escrita ao rei D. Fernando o Católico, em Maio de 1505, aqueles 14 anos de insistências tinham decorrido até sair para Castela em 1484, ou seja desde 1470 ...*

### 1487

**5 de Maio** - Podendo não ter sido este o primeiro, está registado com esta data, no livro de contas do tesoureiro castelhano Francisco González, um pagamento de 3,000 maravedis a Cristóbal Colón, identificado como “Cristóbal Colomo”.

**3 de Julho** - Nesta data, ocorreu um novo pagamento de igual valor, referenciado no registo seguinte de 27 de Agosto.

**27 de Agosto** - Pelo mesmo tesoureiro, está registado mais um pagamento, desta vez de 4,000 maravedis, para Colón se deslocar a Málaga, ao acampamento da corte itinerante, sendo novamente identificado como “Cristóbal Colomo”.

**25 de Agosto** - Em Génova, o Giacomo Colombo, aos 20 anos de idade, irmão do **Cristoforo**, é designado como tecelão de panos num acto notarial em que intervém como testemunha.

**15 de Outubro** - Mais um pagamento de 4,000 maravedis, novamente registado no mesmo livro pelo mesmo tesoureiro Francisco González, a “Cristóbal Colomo”, sempre sem indicação específica dos serviços prestados.

**18 de Outubro** - Foi registado o pagamento de 30 dobras castelhanas (soma altíssima equivalente a 14,400 maravedis) ao “português”, identificado como aquele que estivera no acampamento da corte em Málaga. Estranhamente, num documento que trata de um valor tão elevado, o nome deste português terá sido raspado depois de escrito, daí resultando um espaço em branco. Tê-lo-á sido para ser ocultado? A referência ao português terá sido um deslize pois, a partir daí, Colón passaria a ser ambigualmente tratado como estrangeiro.

### 1488

Consta, na “Historie ...” de Hernando Colón, que o pai, receando que o seu projecto de chegar à Índia pelos mares ocidentais demorasse a ser apoiado em Castela, o decidiu apresentar ao rei de Inglaterra Henry VII, para tal lhe enviando, como emissário de alto estatuto, um seu irmão, que se identificava como Bartolomé Colón, e que com ele tentava a aprovação desse projecto.

Diz ainda, Hernando, que este seu tio chegara a Lisboa quando o pai já ali habitava e que foi este quem “ensinou ao irmão aquilo que ele sabia”.

**PROVA {39}: O Bartolomeo Colombo, estando em Inglaterra, desenhou um mapa e ofereceu-o ao rei Henry VII, segundo escreveria Hernando Colón, passados quase 50 anos, e que Bartolomé de las Casas repetiria. Do mapa constaria uma legenda poética referindo ter sido produzido por si, Bartolomeo Colombo, nacional de Génova, em Londres, a 13 de Fevereiro.**

*CONTESTAÇÃO: Não se sabe qual o mapa em causa, pois o mesmo não é conhecido. Mas seria o Bartolomeo Colombo ou Bartolomé Colón ...?*

**20 de Março** - Em resposta a uma carta que Colón lhe enviara, o rei D. João II escreveu-lhe, a partir de Avis, dirigindo-se-lhe como “**Xpõvam Colon**”, tratando-o por “*nosso especial amigo em Sevilha*”, com o pedido de se deslocar a Portugal. Trata-se do primeiro documento português com inscrição do nome do futuro Almirante.

**16 de Junho** - Está registado mais um pagamento de 3,000 maravedis, ainda no mesmo livro de contas do tesoureiro castelhano Francisco González, mas desta vez a “Cristóbal Colón”, e não a “Colomo” como acontecera em três registos de pagamentos no ano anterior, mas continuando sem especificação de justificativo.

**15 de Agosto** - Nascimento, em Córdova, de Hernando Colón, filho natural de Cristóbal Colón com Beatriz Enríquez, o qual seria criado na corte castelhana e viria a ser um muito jovem pajem do príncipe D. Juan, então com 10 anos de idade, filho dos reis de Castela e Aragão. Seria ele o autor da “*Historie ...*”, a biografia do seu pai.

**Dezembro** - Cristóbal Colón, respondendo ao pedido que D. João II lhe enviara em Março, participou, em Beja, no encontro do rei com a Junta de Matemáticos e com Bartolomeu Dias, acabado de regressar da dobragem do cabo da Boa Esperança. Continuava assim, embora residindo em Castela, a ter acesso em primeira mão aos dados secretos das descobertas que estavam a ser feitas por Portugal.

### 1489

Regressado a Castela, Colón continuou a propor, aos reis de Castela e Aragão, atingir a Índia pelo Ocidente. Estes acabaram por o convocar para Córdova, a fim de tratar de assuntos obrigatórios ao seu serviço.

**12 de Maio** - E emitiram uma cédula comunicando a todas as entidades oficiais dos seus reinos que “Cristóbal Colomo”, conforme fora identificado em 1487, em três pagamentos feitos pelo tesoureiro Francisco González, haveria de ir à sua corte e a outros lugares, ordenando que o hospedassem em boas condições.

Não obstante estas “amabilidades”, Colón tinha estado, poucos meses antes, com D. João II, em Portugal, mantendo-se o seu projecto das Índias rejeitado em Castela.

**PROVA {46}: A tradução literal do nome do Cristoforo Colombo terá ocorrido pouco a pouco, após a sua mudança para Castela, tanto que até 17/4/1492 (“Capitulações de Santa Fé”) ocorreu sempre sob a forma “Cristóbal Colomo”. A transformação do seu apelido “Colombo” em “Colomo” terá resultado, ou dum possível masculino da expressão castelhana “Santa Coloma”, ou da tradução de “colombo”, significando pombo em italiano, para “colom”, pombo em catalão.**

*CONTESTAÇÃO: Durante os oito anos do período indicado (1484-1492), a identificação do futuro Almirante só está registada, em Castela, como “Cristóbal Colomo” nos registos dos três pagamentos em 1487 (5/5, 27/8 e 15/10) e na convocatória de 12/5/1489 feita pelos reis de Castela e Aragão, tendo sido designado como “Cristóbal Colón” no pagamento de 16/6/1488.*

**PROVA {47}: A convocatória de 12 de Maio, para Córdova, por parte da rainha D. Isabel de Castela, surgida na sequência de uma diligência do duque de Medinaceli, identificando-o como “Cristóbal Colomo”.**

*CONTESTAÇÃO: O nome – “Cristóbal Colomo” –, que surge na convocatória dirigida aos alcaides e concelhos, é o mesmo daqueles três registos de pagamentos em 1487. Embora a convocatória não tenha sido feita pela rainha, mas pelo rei e pela rainha, não se conhece qual a diligência feita pelo duque, que lhe terá dado origem.*

**21 de Julho** - Em Génova, os três irmãos, **Cristoforo Colombo** de 38 anos de idade, Bartolomeo de 29 anos, e Giacomo de 22 anos, são mencionados em acto notarial re-ferente ao pai.

## 1490

**PROVA {40}: Por este ano, Henry VII de Inglaterra acabou por recusar a oferta de serviços do futuro Almirante, apresentada pelo seu irmão, mas viria, anos mais tarde, a aceitar os serviços oferecidos pelo italiano Giovanni Caboto que exploraria a costa da América do Norte.**

*CONTESTAÇÃO: Este facto pode ou não ser verdade, assim como os restantes considerando a propósito dessa oferta e da mesma oferta a outros destinatários.*

## 1491

**PROVA {60}: Entretanto, desiludido com o longo compasso de espera que os reis de Castela e Aragão lhe impunham, quiçá animado por uma carta do rei de França cujo teor se desconhece, Colón decidiu para lá partir, o que é incompatível com uma actuação em convívência com D. João II.**

*CONTESTAÇÃO: Da mesma forma que a propósito da Prova {40}, é indiferente que este facto possa ou não ser verdade.*

**PROVA {42}: Esta oferta dos seus serviços, aos reis de Inglaterra e de França, demonstra que o futuro Almirante não actuava, em Castela, conivente com o rei de Portugal.**

*CONTESTAÇÃO: Idem.*

## 1492

**2 de Janeiro** - Após a queda do último reduto mouro de Granada, assinalado neste dia, os reis de Castela e Aragão dispuseram-se, finalmente, a aceitar o projecto de Cristóbal Colón.

**Março/Abril** – Mas, entretanto, o seu irmão Bartolomé, após ter estado na corte inglesa, tinha viajado para França onde também já tentara aliciar a corte para o projecto de chegar à Índia pelo Ocidente e, no início deste ano, segundo Hernando Colón, o próprio Cristóbal, sem notícias do irmão, e antes de ser chamado pela rainha D. Isabel, chegou a ameaçar deslocar-se a França com esse intuito.

**17 de Abril** - Após sete anos de insistências por parte de Colón, foi assinado, em Santa Fé, ali próximo de Granada, um contrato com altíssimas contrapartidas pela descoberta e pela conquista de territórios acedidos através de uma rota para a Índia navegando para Ocidente – contrato conhecido por “Capitulações de Santa Fé” que foi guardado no Arquivo da Coroa de Aragão. No caso de sucesso, e nos seus termos, Cristóbal Colón receberia o título de Almirante e os altos cargos de Vice-Rei e de Governador das terras que descobrisse/ganhasse, e auferiria 10% dos futuros proventos, sendo que o título de Almirante passaria aos seus herdeiros. Sendo o futuro Almirante um estrangeiro, os termos do contrato eram vinculativos para ambas as partes, o que não aconteceria se se tratasse de um súbdito castelhano em que teria assumido a forma de mercê, passível de ser suspensa a qualquer momento. Estes termos também revelam que Colón sabia a distância a que estas terras se encontravam e que supostamente as conhecia, sendo o objectivo da viagem “dá-las” a Castela.

**30 de Abril** - Carta de mercê real, complementar das “Capitulações”, que, não abordando as contrapartidas económicas aí fixadas, assegurava a transmissão hereditária “de juro e herdade” de todos os altos cargos prometidos, bem como assegurava a Colón o título de “Don” após a “descoberta das Índias”, título que, entretanto, já constava das “Capitulações”.

(continua)